

---

O conteúdo deste PDF foi retirado do publicação Actor Falho presente neste endereço da web  
[http://actofalhoneWS.blogspot.com.br/2009\\_11\\_01\\_archive.html](http://actofalhoneWS.blogspot.com.br/2009_11_01_archive.html)

---

## Editorial

Reativamos aqui o Acto Falho – o jornal eletrônico dos analistas em formação do Departamento Formação em Psicanálise.

Procuramos trazer um breve panorama de nossa produção, seja a partir de artigos elaborados por nós – analistas em formação – e de pequenas ilustrações, depoimentos pessoais, sobre nosso trajeto singular e subjetivo na constituição analítica; ou por escritos sobre os eventos aqui produzidos.

Criamos um formato dinâmico, abaixo apresento as seções e os artigos desta edição. Para acessar os artigos na íntegra, basta clicar nas seções ao lado. Eles estão em um blog, onde se pode inclusive postar comentários, o que aumenta nossa interatividade. Dividimos o jornal em 5 seções:

**Aconteceu (aqui)** – Esta seção está com mais um artigo, eu cometi um ato falho!!!! E agora soltamos uma nova edição de nosso jornal para incluir “Entre Os Muros, Esta É A Questão”. Neste artigo, Ede de Oliveira Silva, debatedor do último Cineclube, irá tecer uma intrincada teia envolvendo cultura, cinema e psicanálise; Além dele, Durval Mazzei Nogueira Filho nos fala sobre a Jornada de Membros de 2009, conta brevemente sua trajetória e nos instiga a mantê-la como fórum de troca e construção de saber; e Maria Cristina Perdomo reproduz aqui sua fala de abertura no evento “Trauma e Memória”, que objetivou trabalhar as implicações da política na clínica psicanalítica e na formação de analistas.

**Destaque** - Fabiana Hueb no artigo “Formação do psicanalista em debate” nos coloca frente à um debate virtual entre autores, como Lacan, Green, Bollas, e muitos outros.

**Nós fizemos** – Seção dedicada à nossa produção, nesta edição : Ana Raquel B. M. Ribeiro em “Lia de todos nós: reflexões sobre a repetição” nos inspira com sua sensibilidade- criativa ao falar sobre as repetições que vê na clínica; Valesca B. Bertanha com “A psicanálise como espaço para a emergência do sujeito” nos fala da “cura”, como processo, como transformação e emergência da subjetividade.

**Aconteceu comigo** - Nesta edição, Fabiana Hueb traz sua experiência há quatro anos, quando chegou ao Sedes Sapientiae; Luciene Guião, conta a uma “situação saia justa” na primeira entrevista de uma paciente e Maria Helena Saleme “arrasa na sessão maçarico”. Só lendo para saber...

Esta primeira edição é apenas um ensaio, muito aprenderemos ao longo do processo, esperamos ouvir sugestões de vocês e ganhar novos adeptos para que possamos seguir nessa missão de manter ativo nosso jornal. Nossa intenção é publicar todos os artigos que recebermos (nesta e nas próximas edições) e por isso temos que respeitar certos critérios relacionados ao formato de blog; o que exige artigos curtos (no máximo 1.800 caracteres, o que desta vez não conseguimos fazer...) e com o uso de caso clínico limitado, pelo espaço e pela forma de divulgação, que fica ao alcance de qualquer leitor.

Não podemos deixar de registrar nosso agradecimento ao apoio que recebemos da Comissão de Divulgação, do Departamento de Formação em Psicanálise e da incansável e atuante representante dos alunos, Fernanda Zacharewicz - que também participou desta iniciativa de trazer de volta o Acto Falho. Em especial, agradeço aos autores dos artigos publicados: sem eles não estaríamos aqui.

Por último, esperamos, para além de informação, trazer provocação, debate e inspiração. Boa leitura!!! E, por favor, não deixem de postar seus comentários no blog!

LUCIANA BOCAYUVA KHAIR

## Nós Fizemos

\* ANA RAQUEL B. M. RIBEIRO

“Lia de todos nós: reflexões sobre a repetição”

Lia veio do nordeste. Seu sorriso parece irradiar vida e nada nela, além desse sorriso, pode ser chamado de incomum. Lia é a mulher dos trens, das filas e dos bancos. Para muito além de sua aparência, é sua fala que denuncia a simplicidade cotidiana das dores nossas de cada dia. Lia é o retrato do universo cotidiano da repetição, ora neurótica ora não. Ela conta sua saga com a naturalidade de quem não percebe o processo de repetir-se e não se permite sonhar, criar, inventar à toa. Lia não esconde do outro a sua repetição, pelo contrário, é apenas o outro que pode percebê-la, uma vez que para ela própria não há nada ali além do manifesto.

Movida pelo recalque, Lia se esconde de si mesma em sua repetição. Isso porque o recalque, ao contrário de retirar da consciência todos os derivados do conteúdo reprimido, mantém sucedâneos dele à disposição, como uma forma distorcida de fazer-se sempre presente - sempre evocando a repetição.

Repetir não representa nada de novo na vida humana. Freud aponta como o recalcado se manifesta na repetição quando diz que “ao executarmos a técnica da psicanálise, continuamos exigindo que o paciente reproduza, de tal forma, derivados do recalcado que em consequência de sua distância no tempo, ou de sua distorção, possam passar pela censura do consciente” (Freud, 1915).

Mas muito antes de Freud definir o papel desse conceito, os muitos mitos apontavam, com um apelo metafórico, a sina neurótica dentro da qual nos deixamos ficar acorrentados. Campbell, autor de “O herói de mil faces”, tendo estudado exaustivamente o mito do herói, afirma que não há instrumento melhor que a psicanálise para compreender a gramática dos símbolos dos mitos, essas estruturas arcaicas e primitivas.

O ensaio de Albert Camus, “O Mito de Sísifo”, começa com a descrição da absurda condição humana: grande parte da nossa experiência de viver é construída sobre a esperança do amanhã, aquele mesmo que nos leva à morte – esse inimigo último de todos nós. No mito de Sísifo, esta contradição é ilustrada por uma condenação dos deuses de que o homem incessantemente leve uma rocha até o topo de uma montanha, de onde ela cai de volta à base. Cabe ao homem tentar equilibrá-la no topo, o que nunca acontece. Também Prometeu foi punido depois de roubar o fogo: acorrentado ao monte Cáucaso, recebia a visita diuturna de um abutre que lhe devorava o fígado que se regenerava sem cessar para que o castigo pudesse se repetir. Nesses mitos encontramos a repetição como uma punição, que é, ao mesmo tempo, a saída possível para fugir da angústia do fim. É pela repetição que podemos viver como se não houvesse a morte.

Assim como no mito, a neurose de repetição é o recurso humano para evitar a angústia de morte, ou de forma correlata, a angústia do recalcado. A partir da fala ingênua de Lia é possível perceber, de forma viva, a idéia mítica da prisão da repetição neurótica, indelevelmente ligada ao sentido de morte. Sob a escuta psicanalítica, essa fala aproxima-se do mito e universaliza o cotidiano de Lia, a mulher acorrentada à repetição, sem saber da corrente.

O que Lia traz nas sessões de forma recorrente, em diferentes falas, é sua neurose de morte, seu medo do fim inexorável. Ao temer o fim, Lia evita o começo, afinal o começo é um compromisso de terminar. Não começar, parece protegê-la do final

ameaçador, mas tal proteção se mostra pouco efetiva, à medida que não evita a angústia e provoca a paralisia. É assim que ela “esquece” datas que marcam o fim, precisa que alguém inicie por ela tarefas cotidianas ou é aplacada pelo sono frente ao fazer que anuncia um processo finito.

Como Sísifo e Prometeu, Lia está acorrentada à repetição. A mesma repetição da tecelã que na lenda nunca termina de tecer o tapete para evitar o casamento indesejado. E Lia conta isso de diferentes formas, ingenuamente, inclusive fazendo essa alusão ao tecido, quando conta da sua relação com o bordado.

Sísifo, Prometeu, Lia e cada um de nós não têm acesso ao que se esconde por trás das pedras, figados e tecidos que nos são familiares cotidianamente. Portanto, falar da própria repetição não significa reconhecê-la, sob pena dela perder seu efeito protetor. Mas por que, então, instigar o reconhecimento da própria repetição? Porque reconhecer a condição neurótica não objetiva por fim à repetição, mas dar ao homem a possibilidade de conviver melhor com ela ao re-significá-la.

---

## A psicanálise como espaço para a emergência do sujeito

\* VALESKA BRAGOTTO BERTANHA

Antes da psicanálise, o médico costumava olhar o paciente como objeto, no sentido de o examinar e identificar os sinais físicos que o levarão a um diagnóstico e a um tratamento a ser sofrido passivamente pelo paciente, como seria o caso da hipnose, por exemplo. A psicanálise introduz uma inversão nessa relação entre médico e paciente. Com ela, o médico deve-se colocar como objeto, no sentido de escutar e de ser o depositário das projeções do analisando – que deixa de ser paciente. Entretanto, essa objetificação do analista é comumente confundida com neutralidade, o que é uma grande falácia, já que o analista realiza intervenções e nisso há um propósito. A prática da psicanálise, como sabemos, não se resume unicamente ao analista se colocar como receptáculo de projeções. Sabemos que utilizamos técnicas e como tais, estão a serviço de um fim. E afinal, qual seria esse fim, esse propósito?

Isso pode ser buscado na idéia, ou idéias, de cura em psicanálise. Nos primórdios da psicanálise, buscava-se a cura no sentido da eliminação dos sintomas – a hipnose era um método para extirpar o corpo estranho patógeno alojado no psiquismo. Freud percebe que essa técnica não era eficaz em todos os casos, ou porque alguns pacientes não eram hipnotizáveis ou porque o efeito terapêutico não era duradouro. Isso fez com que ele repensasse a idéia de corpo estranho como causador do sintoma e propusesse uma teoria do funcionamento psíquico em que o sintoma não seria mais um estranho ao psiquismo, mas pelo contrário, seria regido e formado pelas mesmas leis que regem e formam o funcionamento normal e por isso mesmo teria uma relação de contigüidade e não de ruptura com o resto da subjetividade.

Isso tudo faz com que Freud mude sua técnica e busque no livre associar consciente uma via de acesso ao que seria o núcleo patógeno: trechos da história individual não diretamente acessíveis à consciência. A essas representações inacessíveis diretamente e ao trabalho feito no sentido torná-las inacessíveis, Freud deu o nome de inconsciente. Ou seja, a partir de então, o inconsciente passa a ser acessado a partir da consciência, com o sujeito presente, acordado e não mais em transe hipnótico.

Nesse sentido, a cura não poderia ser mais vista como uma extirpação asséptica de um corpo estranho, mais ou menos como fazem os cirurgiões, mas como um processo a ser realizado com a contribuição do eu, ou seja com uma maior implicação do analisando, ainda que mantendo como meta a eliminação dos sintomas.

Por outro lado, Freud depara-se com a resistência do eu e a cura passa a ser um processo de convencimento e reconciliação entre o eu que promove a defesa e a sexualidade contra a qual a defesa é dirigida. Na medida em que a ênfase é dada nos significados das resistências, há uma tendência a intelectualização e ao progressivo domínio do eu da situação.

Entretanto, há ainda um outro entrave que surge desde o caso Dora, cuja consideração se torna cada mais pungente: transferência. A cura então passa a estar ligada ao reencaminhamento dos investimentos psíquicos e Freud passa a considerar a sublimação, o trabalho e o amor, como possibilidades mais saudáveis de reencaminhamento libidinal.

Por outro lado, a transferência abre caminho para se pensar nos limites da cura psicanalítica quando se tem em mente as neuroses narcísicas (sabe-se do fracasso da cura do homem dos lobos). Isso implica que o eu deixe de ser o grande gerenciador da cura, na medida em que a resistência e, portanto, o limite da cura, encontra-se em seu interior. O conflito passa a ter como palco o próprio eu, na medida em que ele contém não só as defesas, mas também parte dos investimentos libidinais, contra os quais a defesa atua.

O eu deve dar conta de gerenciar as exigências pulsionais do isso e as exigências sociais do supereu, e além disso, encontrar formas de escoamento da pulsão que sejam condizentes com a realidade externa; o eu deixa definitivamente de ser o senhor da casa, passando a ser mais um escravo desses 3 senhores: o isso, o supereu e a realidade. Nesse sentido, há um certo aspecto adaptativo da cura, na medida em que as realidades interna e externa devem ser levadas em conta no processo analítico.

Entretanto, os sintomas, na medida em que são produtos de conflito no interior do eu, são reconhecidos como condições intrínsecas ao humano. O conflito não vem de um outro representado pelo sobreeu ou por em externo dentro de si, o isso; ele, o conflito, está no coração do sujeito, o eu. Não foi à toa que Freud usou o termo *ich* (eu) e não *ego*.

Da mesma forma, desde que estejamos vivos, a angústia nunca cessa, já que há um fluxo pulsional contínuo nesse caso e uma exigência de trabalho constante por parte do eu. Este deve redistribuir a energia da forma mais eficaz possível, ou seja, evitando o desprazer, que em certa medida, sempre estará presente.

Com a retirada do foco dos sintomas, já que são constitucionais do sujeito, a cura passa a ter um alvo menos preciso e a construção em análise passa a primeiro plano. Isso exige do analisando uma postura mais ativa em relação a busca de sua cura. Paula Regina Perón e Christian Dunker escrevem num artigo sobre a cura em Freud que caberá ao analisando a possibilidade de uma reinvenção criativa e transferencial de sua história, de modo a alterar seu presente e transformar-se existencialmente. A cura poderia ser vista como um processo, o processo analítico em si e não mais como um fim circunscrito à eliminação dos sintomas. Nesse sentido, a noção de cura como processo se aproxima da idéia de cura empregada na produção dos queijos ou dos presuntos, ou seja, a busca pelo melhor ponto possível que aquele queijo ou presunto possa atingir.

Eu prefiro a idéia de queijo à de presunto que, ao menos que eu saiba, tem uma variedade muito maior. Com base em tudo o que foi dito até agora, percebe-se ao longo da teoria freudiana uma delimitação cada vez maior do poder transformador da análise ao mesmo tempo em que há cada vez mais a ênfase no analisando como sujeito do processo analítico.

Como conclusão (parcial), pode-se dizer que, ao menos, a psicanálise procura oferecer um espaço para a emergência e criatividade do sujeito, por meio da escuta de sua fala.

## Aconteceu Comigo

### “Há quatro anos”

• FABIANA HUEB

Aconteceu comigo há quatro anos, quando, pela primeira vez adentrei os longos corredores do Instituto Sedes Sapientiae. Comecei a folhear o famoso livreto azul, aquele que traz as descrições dos cursos. Li os objetivos, a quem são destinados e também consultei meu bolso para saber qual melhor se adequaria ao meu insuficiente orçamento. Como meu interesse era psicanálise optei pelo curso da página 22.

Entrevistas marcadas, currículo (com foto) em mãos, vou para a primeira entrevista.

Vou “vestida para matar”, passo bastante perfume numa sedutora tentativa de deixar o cara tonto e ver linhas dobradas do meu parco e inexpressivo currículo. Inútil paisagem!

O cara faz uma leitura dinâmica do meu currículo e o coloca em sua mesa virado para baixo. Péssimo sinal, pensei! Sinto um tremor percorrer o meu corpo e o deixo transparecer na minha voz quando respondo as perguntas que me são formuladas. Ouço finalmente que meu currículo é defasado, minha experiência clínica muito pequena e que eu deveria cursar o “Fundamentos”, antes da formação.

- Está fazendo análise? Ele me pergunta

-Atualmente não, mas já fiz há muito tempo atrás.

-É fundamental estar em análise para fazer a formação, ele diz enfaticamente.

-Ah... sei! Pode me indicar alguém? Sabe como é, estou afastada da área há muito tempo... não conheço mais ninguém. A Virginia Bicudo ainda atende?

-Quem???

-Deixa prá lá...

-Que tipo de analista você quer?

-Como assim?! Hoje em dia tem tipo de analista?

-Prefere homem, mulher, alguém mais experiente...

-Não me importa o sexo, mas quero alguém mais experiente. Ouvi dizer que quanto mais velho for o analista, melhor ele é (adorei isso!).

-Vou pensar em alguém para te indicar. Quando eu souber te telefono, certo?

-Certo. Saí com a impressão de ter conversado com o Galvão Bueno...!

Nem é preciso dizer que a segunda entrevista foi só para cumprir tabela. Fui recusada e fui para o “Fundamentos”, posteriormente fui aceita no “Formação”. Sei agora que as questões angustiantes que nos acompanham no início dessa “interminável jornada” nos acompanharão para sempre.

## “Saia Justa”

\* LUCIENE GUIÃO

Tudo parecia correr bem, realizava uma entrevista. Era uma moça... De repente, ouvimos um barulho de batida de carro. Nos assustamos, ela comenta: “Batida! e com moto”! Sim, eu também ouvi o som da moto derrapando. Ela continuava falando..., falando..., eu ouvindo o borbulho do pessoal na rua. Pensei no meu carro que estava na rua... Já não ouvia mais nada. Interrompi a sessão: “Por favor, você me desculpe, mas preciso interromper nossa conversa, porque acho que talvez tenha acontecido algo com meu carro”.

Não consegui enxergar o carro que estava localizado na rua mais abaixo... Falei: “tereí que descer” Ela desceu também.

Abri a porta e fui até a rua... Ao sair vejo um ônibus parado, olho meu carro e começo a tremer... Ele estava com a traseira no meio da rua. Pensei: “Meu Deus!, não puxei o freio de mão, o carro desceu e pegou alguém.” Desci a rua com as pernas trêmulas a passos lentos e a moça me acompanhando... Dou uma volta no carro, vejo que nada foi quebrado. Em baixo do carro, uma moto e ao lado o motoqueiro, um pouco ferido na perna. Alguém me pergunta: “Você é a dona do carro?” digo que sim e me explicam que o ônibus se chocou com o motoqueiro, que foi parar em baixo do meu carro, empurraram o carro para acudirem o rapaz. Nisto, olho minha candidata a paciente... Braços cruzados, curiosa! Digo: “vamos voltar e remarcar outra data”. Voltamos, pego a agenda remarco e nos despedimos.

Pensam que a moça foi embora? Não, braços cruzados, atenta ao tumulto e pior: à mim!!! Eu ainda teria que esperar o resgate e a polícia. Novas pessoas chegam querendo saber do acidente, perguntando de quem era o carro, consegui me distrair... Olho novamente e finalmente! Ela foi embora! “Ufa! Será que depois dessa entrevista “atropelada” ela volta? Pensei.

Sim, voltou! Do episódio duas conclusões: a primeira óbvia e lógica, nunca mais deixar o carro na rua. A segunda: que primamos pelo setting, pela figura impecável do analista, mas ... estamos sujeitos aos mais inusitados imprevistos. Penso que essa moça voltou porque pôde lidar com essa analista também sujeita à acidentes.

## “Sessão Maçarico”

\* MARIA HELENA SALEME é psicanalista, membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e formadora de psicanalistas neste Instituto.

Aconteceu, no sentido exato da palavra acontecimento.

Anos 70, recém formada, comecei a trabalhar na Clínica de Reabilitação Reinaldo Calia. Dr. Reinaldo pediu pra eu atender um grupo de mães de crianças que sofriam de Paralisia Cerebral. Aceitei, morrendo de medo, mas confiando na ajuda de meu supervisor.

Primeiro encontro, estava eu com umas dez, doze mães, mais velhas do que eu e com experiências que eu nunca havia passado perto. Elas começaram a me contar sobre suas preocupações, principalmente o medo de o filho com deficiência motora sair de casa sozinho. Temores dos mais diversos apareceram, como atropelamento, desaparecimento, assalto e sei lá mais o que, porque me transportei imediatamente à minha aula do dia anterior.

À época eu freqüentava um curso de especialização em Psicanálise e tinha acabado de ter uma aula na qual aprendi que, em matéria de inconsciente, medo e desejo são sinônimos. Não deu outra. Fiquei muito feliz com a sorte que tinha tido: que coincidência! E interpretei solenemente: medo é igual a desejo, se vocês sentem medo de que essas coisas aconteçam é porque vocês as desejam. Sentí um certo ar frio percorrendo a sala, mas tudo correu bem e nos despedimos educadamente.

Na semana seguinte, no horário marcado para o grupo, ninguém apareceu! Encontrei uma mãe no corredor que me deu uma desculpa qualquer, algumas deram justificativas, outras nem falaram nada, mas ninguém apareceu.

Aquelas mães me ensinaram muito sobre desejo, medo, psicanálise e bom senso...curso rápido de psicoterapia de grupo que

## Destaque

# A Formação do Psicanalista em Debate

\* FABIANA HUEB

Sabemos que o sistema de formação em psicanálise foi estabelecido um pouco antes da Segunda Guerra Mundial e desde então sofreu poucas alterações na maioria dos institutos, embora seja um tema que vem sendo tratado exaustivamente por vários autores. Mantém-se o clássico tripé: análise pessoal, teoria e clínica supervisionada, mas ao longo dos anos, mudanças foram ocorrendo em cada um desses segmentos não sem amplas discussões e cisões. Para mostrar as opiniões de alguns autores que se ocuparam do tema vamos colocá-los dialogando entre si, virtualmente, sob a batuta de um coordenador e para uma platéia de candidatos a formação psicanalítica.

**Coordenador:** Gostaria de propor iniciarmos este debate com algo que sempre é colocado pelos candidatos e que antecede as questões da formação propriamente dita. Diz respeito a vocação para ser psicanalista. Existem traços de personalidade desejáveis para uma pessoa se tornar psicanalista?

**Antonino Ferro:** Eu acredito ser fundamental uma boa análise do analista e que seja uma análise realmente profunda. E é importante que o analista não pense que fez uma análise definitiva, mas que possa continuar sempre um trabalho de auto-análise, toda vez que se fizer necessário. Além disso, um trabalho comparativo com os colegas, de supervisão e de participação na vida societária é fundamental. Eu acredito que haja também, uma questão de habilidade pessoal. Um “estofo de base” é

necessário.

**Calligaris:** Também creio que o aspirante a analista deve ter alguns traços de personalidade desejáveis. Não deve ser um sujeito que espere gratidão, amor e admiração. Também não deve ser preconceituoso, deve sentir um carinho espontâneo pelas pessoas, ter um gosto pronunciado pelas palavras e uma boa dose de sofrimento psíquico, ou seja, ele mesmo ser paciente durante um bom tempo.

**Coordenador:** Análise pessoal! Este parece ser o segmento unânime. Se todos concordam e acreditam na eficácia da análise, então uma pessoa se torna “apta” após sua experiência analítica?

**Ana Vicentini:** Como A. Ferro já disse que por si só a análise pessoal não é suficiente, mas é o maior sustentáculo da formação. Dos paradoxos do inconsciente só podemos saber na experiência de uma análise, que tem sua cadência própria. Em relação ao estudo da teoria, Freud insistiu no fato de que o analista tem que percorrer outros campos do conhecimento, a fim de ter uma escuta mais abrangente do discurso do outro. Em suma, o que Freud pede, mesmo sabendo da dimensão utópica de sua proposta, é uma escola de formação de analistas que seja interdisciplinar.

**Candidato:** Então, pelo que estou entendendo, os parâmetros referentes à formação psicanalítica, o tripé clássico, se mantém nos dias atuais, só que relativizados. E quanto às linhas teóricas? Gostaria de saber a opinião de vocês sobre esse pluralismo teórico atual.

**C.Bollas:** Acho que existe um movimento na direção da formação mais pluralista, que isto desenvolve insight, visão interna, percepção. Cada um dos modelos de psicanálise nos permite ver algo que não podemos ver por outro modelo. Assim, quanto mais os psicanalistas sentirem que podem adotar e aprender modelos diferentes, no meu ponto de vista, mais abertos eles estarão para a comunicação inconsciente dos pacientes.

**André Green:** A teoria é reconhecida como a busca de uma verdade e essa verdade não é mais única. Já passou o tempo durante o qual a obra de Freud era a única referência em psicanálise.

**J. Andreucci:** Acho que uma única vinculação teórica limita o pensamento e o dogmatizam. Penso que um psicanalista deve nutrir-se de todas as fontes ricas selecionando, em cada uma, aquilo que melhor se adapte a sua forma de ser. Um posicionamento mais livre facilita maior criatividade e permite ao analista mergulhar mais profundamente na mente e no mundo emocional de seu paciente.

**Candidato:** Mas os candidatos precisam ser ensinados, precisam ser ajudados a aprender psicanálise. Como fazer isto diante de tantas perspectivas?

**Lacan:** Você poderia colocar a questão da seguinte maneira: o que a psicanálise nos ensina como ensiná-la? Penso que a questão posta desta maneira desdobra o ensino da psicanálise em duas dimensões diferentes. Primeiramente, há um ensino que se passa no próprio âmbito da experiência psicanalítica e isso me levou a opor a falsa divisão entre análise didática e análise terapêutica, pois toda análise é didática, ainda que só depois ela se revele ter sido didática, jamais antecipadamente. É da análise pessoal que um psicanalista retira a referência mais fundamental para sua própria experiência clínica.

É a análise pessoal e o percurso analítico na transferência que permitem ao sujeito o acesso ao saber inconsciente. Assim, na análise pessoal, podemos dizer que há a transmissão de uma psicanálise, pois, análise se faz falando de um a um; em cada análise de um sujeito com um analista, a transmissão se dá e produz um analista, que poderá repetir essa experiência com seus



analisandos, em cada uma de suas singularidades.

**Coordenador:** Então no âmbito da formação do analista, é isso o que você quis dizer quando anunciou que “o analista só se autoriza por si mesmo”?

**Lacan:** Jamais falei em formação do analista! Falei de formações do inconsciente, ou seja, a base do tripé de formação reside na análise pessoal, pois as formações do inconsciente pertencem a ordem da singularidade subjetiva e não ao campo do universal da teoria. Posteriormente acrescentei ao meu primeiro enunciado o seguinte: “e por muitos outros”, incluindo outros aspectos como a teoria e a supervisão. A minha proposta foi promover transformações radicais em cada um desses segmentos e não me afastar do tripé clássico proposto por Freud.

**Candidato:** Vocês sempre se referem à transmissão e não ao ensino da psicanálise. Poderiam me dizer qual a diferença entre transmitir e ensinar?

**M. Helena Saleme:** A psicanálise possui uma ética e uma liberdade de pensar que se contamina e é transmitida na vivência com o psicanalista quando ele mostra como ouve e como se posiciona frente às questões. A transmissão da psicanálise passa pela identificação com a postura ética de outros psicanalistas, por isso ela se dá no contágio.

**Sandra Grostein:** Complementando o que a M. Helena disse, a peculiaridade daquilo que se transmite em psicanálise é que define o como se faz essa transmissão. O que se transmite é um saber do não sabido, aquilo que não é passível de significação. A partir da identificação de um modelo, aprende-se como se faz análise através da transmissão de um conjunto de regras que orientam um fazer dando as diretrizes do que é certo e do que é errado. Acredito que a única forma de se transmitir psicanálise é através da transferência.

**André Green:** Não se trata de ensinar ao futuro analista o que ele deve saber de uma maneira escolar, mas lhe dar vontade de pensar. Hoje é impossível transmitir a psicanálise sem considerar a tentativa do pensamento, da escrita, da organização do seu texto em relação aos fenômenos que Freud mencionou.

**Coordenador:** E as instituições psicanalíticas? Por um lado são necessárias e por outro são fatores de impedimento. Querem falar um pouco sobre isso?

**Donald Meltzer:** Creio que sim. São ao mesmo tempo, algo indispensável e a maldição da psicanálise, porque estou convencido que as instituições não conseguem não serem conservadoras; elas o são e esmagam a originalidade dos mais jovens.

**Fábio Herrmann:** Penso que nossas instituições não constituem exatamente monstruosidades. São antes curiosas e um bocadinho ridículas, às vezes, quando lhes emprestamos magnitude a que, de direito não poderiam aspirar.

**F. Phillip:** Sem falar que autoridade em psicanálise não é real, é fictícia. Ninguém tem autoridade em psicanálise, porque ninguém sabe nada. Ninguém pode dizer o que é realidade nesse planeta, então, se organizam desde o começo do nosso mundo humano, uma porção de autoridades, inclusive os institutos de psicanálise.

**Roudinesco:** Mas existem em todas as instituições psicanalítica bons e maus praticantes e nenhuma sociedade detém o monopólio da boa clínica. Todas perderam prestígio a tal ponto que inúmeros analistas já não procuram aderir a elas, ou, ao contrário, não hesitam em serem membros de duas ou mais instituições ao mesmo tempo.

**André Green:** Mas as instituições conferem identidade ao analista, porém, vou arriscar a fazer uma divisão dos candidatos à analista em duas categorias: aqueles que evitam pensar e os que gostam do saber e buscam os textos, os de espírito críticos e os criativos.

**Calligaris:** Penso que há uma diferença relevante entre ler como estudante e ler como analista em formação, que interpreta os textos a partir da experiência singular de sua própria análise. Por isso a formação do analista é proposta por instituições privadas que inventam cada uma do seu jeito, formas de ensino, de aprovação e reprovação compatíveis com esse estranho currículo.

**Coordenador:** Bom gente, esse debate é extenso e nosso tempo é curto. Antes de terminarmos vamos falar de outra prática considerada indispensável na formação do analista que é a supervisão e ainda não foi debatida. Minha preocupação é no sentido de tentar estabelecer uma distinção entre o trabalho na análise e o trabalho que se pode efetuar numa supervisão.

**Fábio Herrmann:** Quem procura supervisão, em geral, quer um modelo para imitar. Espera-se que o supervisor saiba reverter essa intenção, de forma que o supervisionando acabe por imitar a si próprio, no que tem de melhor; ele que vem para escutar interpretações mais sábias, haverá de ser escutado até que escute a si próprio. O supervisor encarna provisoriamente o método psicanalítico. Aplica-o no sentido das interpretações do supervisionando, permitindo-lhe praticar o que ainda não sabe. No fundo, a supervisão está suportada pela mais antiga e eficaz das ilusões humanas: aquela que, por crer que alguém sabe fazer, leva-nos a fazer o que ainda não sabemos, para descobrir tarde demais que nenhum dos dois sabia verdadeiramente, mas que já o fizeram.

**Coordenador:** Então, para encerrarmos este debate, o que podemos concluir ou sintetizar do que foi dito aqui é que talvez devêssemos percorrer este infinito caminho buscando algo com qualidade – estabelecido através de um critério pessoal e ético – sem chamar a atenção para o nosso desempenho. Pode ser o modo de dar um sentido de integridade às nossas ações. Isto é elaborar um destino próprio, é ter atitudes íntegras que possam ser revertidas numa verdadeira contribuição para a elevação do padrão ao nosso redor. Caso contrário, continuaremos a reclamar da situação externa a nós como se fossem eles os fatores de limitação. E, se observarmos bem, veremos que se repetem de modo tão semelhante, que deveríamos concluir que eles apenas refletem nossas próprias limitações. Obrigado a todos pela participação!

---

## ENTRE OS MUROS, ESTA É A QUESTÃO

\* EDE DE OLIVEIRA SILVA - Médico, psicanalista com formação no Instituto Sedes Sapientiae, docente do curso “Formação em Psicanálise” e membro deste departamento.

Trata-se de um belo filme o “Entre Os Muros da Escola” (1), bem dirigido, bem interpretado e com um roteiro impecável. Não é a toa que ganhou o prêmio máximo de Cannes, a Palma de Ouro de 2008. Mas antes de analisarmos o filme citado, gostaríamos de fazer com vocês a uma pequena viagem ao passado onde filmes com temas semelhantes foram abordados. Lógico que ao termos assistido ao filme supracitado a comparação com filmes que tratam do mesmo assunto foi inevitável e esta viagem é importante para que tenhamos uma idéia das mudanças e transformações pelas quais passa a nossa cultura, pelo

simples fato de que as escolas são caixas de ressonâncias do ocorre nela.

O primeiro filme resgatado das brumas do passado é “Sementes da Violência” (Blackboard Jungle) (2) realizado em 1955 e se passa no sul dos Estados Unidos e foi dirigido por Richard Brooks e estrelados por Glenn Ford como professor e Sidney Poitier e Vic Morrow, ambos iniciantes em suas carreiras, como alunos dentre outros. Mais de meio século é a distância entre este e outro e o que vemos então: a mesma luta incessante entre o professor e os alunos rebeldes e violentos mostrando como aquele tem de se transformar num verdadeiro Indiana Jones ( professor herói) para tentar manter um mínimo de disciplina possível naquela horda sem lei. Como o título original explicita, numa tradução literal, (selva do quadro-negro), vemos uma selva de violência e desrespeito contra qualquer autoridade e hierarquia. A ordem e disciplina são mantidas a duras penas e a harmonia conseguida, sabemos, é transitória.

O segundo filme “Ao mestre com Carinho” ( To Sir, with Love) (3) foi realizado em 1966 e se passa nos arredores de Londres tendo como diretor o conhecido escritor James Clavell, autor da famosa saga do Japão e como ator principal Sidney Poitier agora no papel de professor. Uma nova horda de alunos aparece e com isto é mostrado as dificuldades e agruras daquele em manter um mínimo de ordem e disciplina, mas que não estava sendo conseguida mesmo que tivesse de fazer uso de uma certa violência defensiva. Para evitar que a situação saia de todo controle ele lança mão da seguinte estratégia: começa a estimular e reconhecer o lado adulto e responsável de cada um, propondo assim que eles deixem para trás a adolescência rebelde. Aqueles que não entravam neste novo grupo eram gradativamente excluídos e marginalizados dentro da própria escola. Esta nova maneira de lidar com a questão começa a ter um efeito positivo após muito trabalho.

O terceiro filme sobre este assunto é “Meu Mestre minha Vida” (lean on me) (4) realizado em 1989 e se passa em New Jersey, dirigido por John G. Avildsen e estrelado por Morgan Freeman. O início do filme mostra a escola 20 anos atrás gozando ainda de uma certa tranqüilidade e ordem, mas já dando discretos indícios do que seria 20 anos mais tarde. A mudança com o tempo é radical. Ela se transformou numa verdadeira praça de guerra onde a lei e a ordem tinham desaparecidas há muito tempo. O diretor, os professores e auxiliares estão completamente perdidos e acovardados perante tamanha desordem que não conseguem manter a mínima disciplina possível. Morgan Freeman ,que já tinha trabalhado há 20 anos nesta mesma escola e que tinha sido demitido por ser a favor de uma linha mais firme disciplinar, é convocado e readmitido agora como diretor com o objetivo de salvá-la da derrocada final. Ele traz na sua bagagem a disciplina que vai ser extensiva a todos, isto é, professores, auxiliares e alunos. Além de combater a violência e o tráfico de drogas intra-muros tem também outra grande tarefa, a de combater a inação dos professores e auxiliares. Não é a toa que ele é chamado de louco pela comunidade( mídia) e que chega a ser preso por utilizar de métodos não convencionais para proteger a escola.

Chegamos enfim ao filme que nos interessa agora para ser discutido. Trata-se do “Entre os Muros da Escola” ( Entre les Murs) uma produção francesa de 2008, dirigido por Laurent Cantet, diretor nosso conhecido pelos filmes já realizados como “A Agenda”, “ Recursos Humanos” e “Em Direção ao Sul” e como ator principal François Bègaudeau, que acumula também a condição de autor do livro em que o filme é baseado e de roteirista. Ele, os outros professores e os alunos não são atores, foram simplesmente convidados a participar de papéis que já executam na vida real. São marinheiros de primeira viagem. Eles, portanto, foram convidados a fazer parte deste filme talvez para dar uma maior realidade e veracidade ao tema, pois o filme retrata os impasses do ensino fundamental numa escola nos arredores de Paris e que eles estão vivendo na pele esta situação.

Todos os intérpretes são portanto amadores, mas mesmo assim, as suas performances nos deixa presos na poltrona durante mais de duas horas. As interpretações são tão primorosas que muitas vezes nos damos conta que estamos sentado no cinema e não numa carteira escolar dentro da sala de aula, tamanho o caráter documental que ele transmite. É o retrato nu e cru da contemporaneidade e da globalização. É uma classe muticultural, com alunos desenraizados de sua terra natal e tendo como

tarefa aprender uma língua estrangeira além dos novos costumes. Todo o filme se passa dentro da escola, entre os seus muros, mas o título em sua versão original é muito mais geral, pois não faz referência a escola, mas já na versão brasileira introduziu a palavra escola e com isto limitou e reduziu grandemente a proposta do diretor.

De que muros ele nos fala o filme? Muros da França, muros da língua, muros da condição social, muros da cultura...etc? A maioria dos alunos é estrangeiro, imigrante de terras distante, não só geográfica, mas também socioeconômica. Alguns se encontram ilegalmente no país e quando são descobertos são deportados para o país de origem. Eles serão obrigados a aprender novos costumes, nova língua como condição de sobrevivência neste novo mundo.

O filme é uma amostra muito próxima da realidade na França, mas sendo encontrado, guardando as devidas diferenças, em todas as escolas do mundo. Este filme não espelha um simples drama escolar, como visto em outros filmes, mas o drama da sociedade em lidar com as massas de imigrantes que invadem os países ricos em busca do eldorado ou da sua sobrevivência. O Prof. François Marin é a metáfora de algo muito maior. Os seus conflitos, decepções, atropelos e erros são a expressão da falência do estado, do governo em administrar tais questões, como a globalização, a miscigenação. O que se passa na sala de aula é a superfície de toda conflitiva educacional. É o sobrenadante de algo muito maior, mais grave e profundo. A crise de autoridade que assola a nossa cultura de uma maneira avassaladora. A perda progressiva do poder pátrio, que já vem acontecendo a alguns séculos, vem atingindo intensidade até o momento nunca vista. Está havendo uma verdadeira demolição da hierarquia e autoridade em escala mundial. O filme retrata, em seu âmago, as crises de autoridade, de hierarquia e de falência das utopias que estão ocorrendo em escala nunca vista e de caráter universal. Tais transformações exigem a derrubada dos muros, a ausência de fronteiras para que todos possam ser cidadãos do mundo.

Sabemos que Freud ressaltava que há três profissões impossíveis, a de governante, a de educador e a de analista (5). É justamente esta a questão. São três profissões, são três impossibilidades de serem realizadas. Aqui vemos que os estudantes têm vontade própria e enfrentam o professor em pé de igualdade. Aqui a batalha é verbal, mais civilizada então, mas as palavras, sabemos, muitas vezes, são armas mais potentes que uma simples bofetada. Se naqueles outros filmes a truculência e a guerra armada são a tônica, no filme em pauta vemos também as dificuldades do educador em transmitir a sua matéria e ao mesmo tempo ter de lidar com as diferenças, as vontades, valores e desejos distintos de cada um. A tentativa de minimizar as punições, como no único caso de expulsão ou a de pouca paciência durante os conflitos e embates verbais dentro da classe, mostra muito da humanidade do professor. Aceitar surpreso o fato de uma aluna dizer no fim do ano que não aprendeu bulhufas da sua matéria, apesar do esforço hercúleo dele para isto, não o faz reagir com indignação ou raiva. Aceitou o fato de uma maneira estoica que não lhe deixou nenhuma marca de ressentimento. Porque, mesmo assim, a missão foi cumprida.

O final lúdico onde todos, diretor, professores, auxiliares e alunos estão jogando futebol numa relação fraterna, isto é, numa relação exclusivamente horizontal em detrimento de uma certa verticalidade, mostra que é uma solução tipicamente à la Deleuze, onde uma relação fraterna é constituída e com isto é criada uma sociedade de irmãos onde reina a confiança e respeito mútuos.

Isto não seria, neste momento, uma utopia?

1)- “Entre os Muros da Escola” ( Entre lês Murs). Produção francesa de 2008 com direção de Laurent Cantet e tendo como ator principal e roteirista François Bègaudeau.

2)- Semente da Violência ( Blackboard Jungle). Produção americana de 1955 com direção de Richard Brooks e estrelado por Glenn Ford, Sidney Poitier e Vic Morrow.

- 3)- “Ao Mestre com Carinho” ( To Sir, with Love). Produção inglesa de 1966 com direção de James Clavell e estrelado por Sidney Poitier.
- 4)-“ Meu Mestre, Minha Vida” ( Lean on Me). Produção americana de 1989 com direção de e estrelado por Morgan Freeman.
- 5)- Freud, S:- Análise Terminável e Interminável – 1937 vol. XXIII das Obras Psicológica Completa. Editora Imago- 1976- Rio de Janeiro.
- 6)- Deleuze, G.- Bartleby ou a Fórmula. In “ Crítica e Clínica”- Ed. 34- 1997- São Paulo

## Sobre a Jornada de 2009

\* DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO é Psicanalista, membro do departamento e da seção São Paulo da EBP e mestre em Psiquiatria pelo HSPE.

Foi a décima vez que alunos (fundamentos e formação), professores, ex-alunos e alguns raros, mas interessantes, curiosos encontraram-se para ouvir, discutir, concordar, discordar da série de mesas-redondas no último mês de setembro.

Quando idealizada por mim e pela Cristina Perdomo, há 10 anos, a jornada perseguia um objetivo claro: a demonstração que o Departamento “Formação em Psicanálise” produzia algo fundamental para a comunidade analítica: saber. Pois, tal oferta de provas indica transmissão do discurso analítico. Sem importar qual o estilo do saber transmitido. Se uma revisão de conceitos sobre um tema específico, clínico ou teórico, alguma contribuição nova ou mesmo um exercício criativo em torno de conceitos estabelecidos. E – é claro – obedecendo tanto a inversão da mestria quanto o cuidado em não obscurecer que há um sujeito coberto pela fantasia a produzir este saber.

Tal ambição foi outra vez alcançada. E seguindo a trilha que caracteriza esta comunidade particular de psicanalistas: uma comunidade que se estrutura tal e qual uma ágora de psicanalistas. Cidadãos livres orientados por éticas que se sustentam nas principais correntes de pensamento (com perdão pela expressão) que pontificam no imaginário psicanalítico. Lá, então, houve textos em tom kleiniano, bioniano, freudo-laplanchiano, lacaniano, freudiano e etcetera e tal.

Resta concluir lembrando que esta iniciativa correu riscos. À exceção dos dois ou três primeiros anos e dos dois últimos anos, quando a jornada recebeu o interesse da comunidade como um todo, os anos intermediários mais parecia uma ação tediosa, modorrenta, macambúzia e merencória. Consistia em um péssimo sinal. Nenhum a ouvir o outro; outro a ouvir nenhum.

Que a felicidade e a troca de saberes dos últimos encontros surjam como a tendência para as jornadas futuras. Deixo apenas uma sugestão: que se intensifique o contato com membros do departamento ou mesmo ex-alunos que não estão lá como membros e que se mantiveram de um jeito ou de outro na produção deste saber tão necessário, pois na contracorrente de uma cultura contemporânea que eliminou o Outro e corre celeremente para eliminar o outro.

## “Trauma e Memória: Como trabalhar as implicações da política na clínica psicanalítica e na formação de analistas”

\* MARIA CRISTINA PERDOMO, psicanalista, docente, supervisora e Coordenadora Geral do Departamento Formação em Psicanálise.

É com muito prazer que o Departamento Formação em Psicanálise abre hoje este Evento: Trauma, Memória e Transmissão.

Gostaria primeiro de contar a vocês o porquê deste Evento.

Trata-se claramente de um evento psicanalítico, mas que põe em evidência a necessidade de transmitir nossa preocupação em levar adiante um projeto ético-político em nosso departamento em concordância com o projeto sustentado por esta instituição a qual pertencemos: o Instituto Sedes Sapientiae da cidade de São Paulo.

Apoiados na carta de Princípios salientamos que é nosso compromisso assumir um processo de formação e de trabalho que promova um pensamento crítico acompanhado de um trabalho de comprometimento profissional com os direitos inalienáveis da pessoa humana.

Sendo assim, nosso departamento pensou neste evento como uma maneira de convocar à reflexão, com a ajuda de nossos pares, para pensar os caminhos possíveis, já transitados e a serem transitados, levando em consideração as marcas profundas deixadas em cada uma das subjetividades e no processo coletivo social, pelos momentos históricos que temos atravessado neste último século.

Afirmando que estes momentos históricos, com a quantidade de traumatismo que aportam, têm efeitos nos modos de subjetivação, nos propomos a pensar as formas possíveis de inserção dos psicanalistas como cidadãos e como profissionais no que seu referencial possa contribuir para dar passos no sentido de criar possibilidades para a constituição de uma realidade social mais justa.

A violência de Estado que caracterizou estes momentos históricos aos que fazemos referência, a violência como política de Estado, a sustentação e legitimação de um Estado de violência, tem conseqüências aterrorizantes e paralizadoras do pensamento e dos processos de simbolização. Quebram-se as regras do jogo e o Estado, que deveria proteger, persegue e mata.

O terror paralisa e o objetivo de destruir os laços sociais é assim conseguido. Impera a lei do “cada um por si” e do “salve-se quem puder”.

Nisso radica a potencialidade e a força patogênica do trauma social. A resposta imediata de desmobilização e abulia, produzida como conseqüência de regimes apoiados no terror e na perseguição, é um dos males maiores que a humanidade pode sofrer. A disciplina do terror aponta a dismantelar as subjetividades, a anular as possibilidades de pensar diferente, a unificar o discurso. Há um único discurso possível, ele é hegemônico, impondo desse modo a lógica de significações do establishment no poder.

Sabemos dos efeitos devastadores no campo simbólico, tanto no coletivo quanto no individual, e das ressonâncias para as gerações seguintes.

Por isso, ao invés de apagar vestígios queremos recuperar memória, ao invés de esquecer a história queremos recontá-la. Não para rondar enlutadamente em volta dela e sim para abrir novas possibilidades de simbolização que permitam uma nova articulação. E sobretudo para legar às gerações que nos sucedem aquilo que lhes corresponde por herança simbólica.

Sabemos também como analistas que há algo irreduzível e que o inscrito primordial não pode ser capturado nas redes do discurso historicizante; que nesse processo de recuperação e reunião de elementos o não historicizável deverá encontrar modos de articulação possíveis para não ficar a mercê do exercício de repetição da pulsão de morte.

Desde a psicanálise podemos propiciar a transformação dos documentos fragmentários em uma construção histórica que permita aos sujeitos posicionar-se na cadeia da filiação, pois o processo identificatório está intimamente ligado ao processo de historicização, transformando

aquilo inapreensível em algo falado. Propiciando a abertura de um espaço onde os enigmas possam ser formulados e gerem, a partir da sua postulação, novas vias autoteorizantes e simbólicas, com os conseqüentes reflexos no coletivo. Não há nisto ilusão de um histórico como construção total, será sempre fragmentária essa construção, mas possibilitando uma assunção de si.

E pensamos que nos movimentos sociais como as “Abuelas de Plaza de Mayo”, ou as Madres, ou dos familiares de presos políticos e desaparecidos, no MST, etc. há um elemento de historicização que permite ao sujeito sair de seu solilóquio traumático e sintomal em direção à construção do espaço público que, ao mesmo tempo em que legitima seu lugar de cidadão, lhe permite um juntar forças com seus companheiros de rota para traçar o caminho de afirmação do movimento, agora como lugar instituído na esfera pública, como instância possível em direção às mudanças.

É este processo de historicização que evita que se fique capturado no drama individual, privado, particular e singular e que possa abrir-se para o coletivo, público, e para construir uma organização, como são os movimentos sociais populares, que resistem, que lutam contra o imobilismo e a conservação da situação oficial.

Não podemos apagar o vivido. Temos a obrigação de trabalhá-lo e interrogá-lo.

E são esses movimentos, que foram iniciados por uns poucos, que ganham força e nos dão força para rejuvenescer, re-despertar em nós a vontade de participar, de compartilhar, de seguir o caminho sabendo que é longo.

Alguns poderão pensar “que otimista!!!”. Sim, é otimismo.

Porque otimismo é a possibilidade de investir na ação que cada um realiza, sentindo-se protagonista dela, na esperança de que signifique algo para alguém, que tenha efeitos e que o sacrifício das gerações que nos precederam, e o esforço e esperança da nossa, possibilitem algo diferente e melhor para as gerações futuras.

Frente ao entusiasmo de uns, o espírito derrotado de outros; de outros que em algum tempo compartilharam o mesmo entusiasmo. Compartilhamos com eles certa visão da história, da esperança de algo melhor; gostaríamos de acordá-los e voltar a compartilhar com eles um futuro em que a ética nos guie com a confiança de que nossas ações de hoje abrem as possibilidades de amanhã.

Não formamos parte dos saudosistas que pensam que somos os últimos de uma geração que tardará muito em voltar. Por isso investimos no desafio de propiciar um pensamento crítico onde a utopia não seja renunciada por impossível ou antiquada, e que sim norteie as metas possíveis.

Propiciar um pensamento crítico que permita a realização de projetos coletivos, um pensamento que não nos limite ao imediato

da sobrevivência cotidiana, no individualismo ego centrado, abrindo espaço para a noção de coletivo, de comunidade, de semelhante.

Propiciar um pensamento crítico para legar às gerações futuras um modelo diferente, em que o poder de uns não esteja sustentado na miséria de muitos.

Propiciar um pensamento crítico onde as experiências históricas de violência dêem lugar a um processo de força coletivo.

Propiciar um pensamento crítico em que o projeto psicanalítico se inscreva, com a consciência clara de que a saúde pública é uma obrigação moral e política do estado e não fruto da ação caritativa de uns poucos.

Propiciar um pensamento crítico e uma ética em que o semelhante se inscreve como alteridade no marco do respeito e do cuidado físico e simbólico do outro.

Enfrentamos tempos difíceis e contraditórios mas certamente muito afastados dos tempos sombrios das ditaduras de América Latina. Temos ainda muito por fazer.

Quero encerrar minha fala agradecendo a presença neste evento da Diretoria do Sedes, dos colegas dos outros Departamentos e Cursos do Instituto, dos Centros, da Clínica e dos funcionários, e a de todos os colegas do Departamento Formação em Psicanálise que trabalharam e fizeram possível este evento. Esta participação multi-institucional é uma clara manifestação de que podemos e devemos pensar juntos.

Agradeço a presença de nossos convidados que desde o primeiro momento se mostraram entusiastas e solidários com nosso projeto.

Assim como a presença de todos vocês que nos mostram que vale a pena seguir o caminho. Muito obrigada.

Estão compondo esta mesa a Sra. Estela Carlotto, presidente das “Abuelas de Plaza de Mayo”, Maria Rita Kehel, psicanalista e jornalista, com uma experiência muito interessante junto ao MST e Paulo Endo Psicanalista, Prof. Dr. do Instituto de Psicologia da USP.

Passo agora a palavra para a Sra. De Carlotto. Muito obrigada.